

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

# A escola que habita na vida adulta: Reflexões sobre uma metodologia qualitativa alternativa

Bruna Silva, Leonor Lima Torres

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.12808>

Submetido em: 2025-07-29

Postado em: 2025-08-12 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

## **A escola que habita na vida adulta: Reflexões sobre uma metodologia qualitativa alternativa**

Bruna Duarte Silva

Universidade do Minho

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-3552-7214>

Leonor Lima Torres

Docente e investigadora no Departamento de Ciências Sociais da Educação da Universidade do Minho.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4316-4462>

### **Resumo**

Este artigo analisa criticamente a metodologia de uma investigação qualitativa que investigou o impacto da experiência escolar na vida adulta de indivíduos oriundos dos meios populares, com ênfase no desenvolvimento de disposições individuais. Utilizou-se triangulação metodológica com três abordagens complementares: retratos sociológicos; uma técnica visual, com fotografias pessoais como disparadoras de memórias; e uma técnica projetiva, construída a partir de uma ficha de matemática. O artigo contribui para o debate sobre o uso de abordagens alternativas na pesquisa qualitativa, propondo uma nova categorização de técnica projetiva que mobiliza a subjetividade por meio de dimensões emocionais, corporais, sensoriais, afetivas e simbólicas.

Palavras-chave: Triangulação metodológica; subjetividade; retratos sociológicos, técnica visual; técnica projetiva.

## **The school that inhabits adult life: Reflections on an alternative qualitative methodology**

### **Abstract**

This article critically analyses the methodology of a qualitative study that investigated the impact of school experience on the adult lives of individuals from working-class backgrounds, with an emphasis on the development of individual dispositions. Methodological triangulation was used with three complementary approaches: sociological portraits; a visual technique, with personal photographs as memory triggers; and a projective technique, constructed from a mathematics worksheet. The article contributes to the debate on the use of alternative approaches in qualitative research, proposing a new categorisation of projective technique that mobilises subjectivity through emotional, bodily, sensory, affective and symbolic dimensions.

**Keywords:** Methodological triangulation; subjectivity; sociological portraits; visual technique; projective technique.

### **1. Introdução**

Captar subjetividades e disposições incorporadas revela-se um desafio central na pesquisa qualitativa em sociologia, especialmente quando se pretende compreender como experiências passadas moldam percepções e esquemas de ação na vida adulta. Essa dificuldade exige abordagens que ultrapassem a verbalização consciente, usando

dispositivos sensíveis às dimensões implícitas da experiência social.

Neste contexto, uma investigação qualitativa desenvolvida no âmbito de uma dissertação de mestrado analisou experiências escolares de indivíduos de meios populares e o seu impacto nas trajetórias de vida<sup>1</sup> (Autor, 2024). O estudo adotou a triangulação metodológica combinando entrevistas em profundidade, fotografias pessoais e uma técnica projetiva específica, para aceder a conteúdos subjetivos e captar dimensões emocionais, simbólicas e corporais da experiência escolar.

Este artigo discute criticamente as potencialidades e limitações dessa triangulação no estudo retrospectivo de experiências escolares, avaliando a sua eficácia na captação da subjetividade e na reconstrução interpretativa de experiências passadas.

Embora existam muitos estudos sobre trajetórias, insucesso e desigualdades escolares, a maioria foca a escolarização no momento presente, especialmente na adolescência e ensino superior. A dimensão retrospectiva, que investiga como a experiência escolar é lembrada e integrada na vida adulta, tem sido pouco explorada, principalmente em contextos lusófonos e em estudos que recorrem a abordagens qualitativas aprofundadas.

Este estudo procura contribuir para o aprofundamento deste campo, propondo uma análise qualitativa e reflexiva da memória escolar na vida adulta, com enfoque nas suas marcas emocionais, disposicionais e simbólicas. Para isso, recorre a metodologias pouco convencionais – como o uso de fotografias pessoais e fichas de exercícios escolares enquanto técnicas projetivas –, com o intuito de ativar memórias e sentimentos, aceder a

---

<sup>1</sup> É possível aceder à pesquisa através do site: repositório ... (a incluir após avaliação).

dimensões subjetivas pouco verbalizadas e reforçar a validade interpretativa através da triangulação de fontes.

Ao deslocar o foco da performance para a memória afetiva e as suas consequências de longo prazo, a pesquisa contribui para compreender os efeitos duradouros das experiências escolares nas trajetórias adultas.

O artigo organiza-se em cinco secções principais: inicia com uma fundamentação teórica centrada nos conceitos de subjetividade, disposições e retratos sociológicos; em seguida, apresenta-se o desenho metodológico adotado; propõe-se depois uma nova técnica projetiva; discute-se a articulação entre os diferentes métodos através da triangulação metodológica; e, por fim, são tecidas considerações finais que incluem aprendizagens, limitações do estudo e recomendações para futuras investigações.

## **2. Fundamentação Teórica**

### **2.1. Subjetividade na sociologia**

As teorias sociológicas contemporâneas atribuem ao indivíduo um papel ativo na sua socialização, rompendo com a visão clássica que o tratava como mero recetor de normas. Dubet (1994) destaca a subjetividade como objeto da sociologia da experiência, reconhecendo o sujeito como construtor do seu percurso.

Para Berger e Luckmann (1985) os indivíduos constroem a sua subjetividade tendo em conta a interiorização que fazem de um “acontecimento objetivo como dotado de sentido, tornando-se ‘subjetivamente significativo’ para si.” (p. 174).

Compreender o vivido permite aceder, ainda que parcialmente, à subjetividade. Contudo, tal acesso é complexo e exige a mobilização de múltiplas técnicas

metodológicas, sem garantir total congruência nos relatos. Esta complexidade reforça a perspectiva de Dubet e Martuccelli (1996), segundo a qual os sujeitos participam na construção da realidade, pelo que a socialização deve ser estudada a partir da experiência vivida.

Esta valorização da experiência vivida como chave para compreender os processos de socialização articula-se com a proposta de Bourdieu, tal como apresentada por Wacquant (1998), de superar a oposição entre objetivismo e subjetivismo através de uma perspectiva dialética. Compreender as disposições implica, assim, reconstruir a socialização, uma vez que os comportamentos resultam dessa interiorização (Dubet; Martuccelli, 1996). Esta valorização da experiência vivida como chave para compreender os processos de socialização articula-se com a proposta de Bourdieu, tal como apresentada por Wacquant (1998), de superar a oposição entre objetivismo e subjetivismo através de uma perspectiva dialética. Compreender as disposições implica, assim, reconstruir a socialização, uma vez que os comportamentos resultam dessa interiorização (Dubet; Martuccelli, 1996).

As disposições, embora invisíveis, manifestam-se em comportamentos, tornando-os acessíveis à análise. Ao mergulhar na subjetividade, torna-se possível revelar aspectos objetivos da realidade vivida (Carmo *et al.*, 2023).

Dubet atribui aos sujeitos um espaço na construção da realidade, essencial para compreender os processos de socialização. Como afirma: “o processo de socialização [...], deve ser estudado na atividade dos atores que constroem a sua experiência escolar” (Dubet; Martuccelli, 1996, p. 50). Esta centralidade da experiência individual não nega, contudo, a dimensão objetiva da realidade social. Pelo contrário, Dubet e Martuccelli (1996) sublinham a coexistência entre subjetividade e objetividade como “duas

faces da mesma realidade”, nas quais se localizam as “dimensões essenciais da ação” (p. 51).

De apontar que o investigador, ao analisar os relatos, também constrói sentidos, sendo a sua subjetividade parte do processo. Flick (2005) defende que a subjetividade do investigador é legítima na investigação, desde que sustentada teoricamente. Cassab (2004) reforça essa visão, lembrando que o percurso investigativo é atravessado pela identidade e subjetividade do pesquisador.

No estudo realizado, a ideia de construção da realidade revelou-se central. Mais do que a realidade objetiva, interessou captar a subjetividade dos sujeitos e o uso que dela fazem na construção da realidade social, neste caso em concreto, a realidade escolar. A intenção foi aceder aos seus processos internos, que fundamentam a ação. Além disso, a pesquisa permitiu compreender como o passado escolar influencia o presente e o futuro (Carmo *et al.*, 2023).

## 2.2. Disposições e reflexividade

Os atores sociais são produto de “múltiplos processos de socialização”, sendo o contexto escolar um espaço central na formação de disposições (Lahire, 2005; Autor, 2024).

Para Lahire (2004) as disposições correspondem a maneiras de ver, sentir ou agir, desenvolvidas ao longo da socialização, que se ajustam com relativa flexibilidade aos contextos. Não se tratam apenas de recursos acionáveis, mas de tendências profundas, que podem ser transformadas ou inibidas conforme as experiências vividas.

A contínua exposição dos sujeitos a práticas sociais contribui para a construção de disposições corporais, mentais e emocionais, muitas vezes inconscientes e performativas. Paralelamente, a modernidade promove uma

intensificação da reflexividade e da subjetividade, ampliando o poder da escolha individual e atribuindo aos sujeitos um maior protagonismo nas suas trajetórias. Como salienta Abrantes (2003), esta perspectiva supera visões deterministas anteriores, reconhecendo os indivíduos como agentes ativos, e não meros reflexos das estruturas sociais. Esta concepção influenciou a própria postura do investigador, que assumiu uma atitude reflexiva e aberta na produção do conhecimento. Em vez de buscar a neutralidade, valorizou-se a construção de uma relação de confiança com os entrevistados, reconhecendo o papel das emoções e da interação na partilha das experiências. O processo de investigação foi, assim, simultaneamente analítico e relacional, exigindo atenção às dimensões subjetivas tanto do participante quanto do pesquisador.

Os participantes foram instigados à reflexividade, sendo encorajados a distanciar-se criticamente das suas vivências (Dubet, 1994, p. 106). No estudo buscou-se captar os sentidos produzidos na articulação entre experiência pessoal e realidade social (Berger; Luckman, 1985). Sem quaisquer pretensões de generalização, os dados refletem uma construção interpretativa situada atravessada por subjetividade e pela mediação do pesquisador. Superar os limites de acesso à realidade subjetiva exigiu dispositivos metodológicos sensíveis, capazes de aceder às dimensões menos verbalizadas da experiência.

### 2.3. O dispositivo retratos sociológicos

Lahire (2001, 2004) desenvolveu o dispositivo metodológico retratos sociológicos para observar a variação dos comportamentos individuais segundo contextos sociais. Essa abordagem reconhece a multiplicidade e

heterogeneidade das disposições formadas em diferentes momentos e espaços da socialização. Abrantes (2011) destaca que o método interpreta e unifica essas experiências, revelando a relação entre o individual e o social.

Este dispositivo baseia-se na realização de entrevistas biográficas aprofundadas, orientadas por um guião previamente definido (ver quadro 1 abaixo). Estas entrevistas permitem aceder às trajetórias de vida dos participantes, articulando experiências pessoais, familiares e escolares. A partir desse material empírico, constroem-se retratos sociológicos – narrativas interpretativas elaboradas pelo investigador que visam compreender a formação das disposições incorporadas, bem como a sua eventual pluralidade, à luz da sociologia disposicionalista de Lahire (2004).

Bloco A: Retrato familiar	
A1	Caraterização demográfica da família
A2	Dinâmicas familiares
A3	Práticas culturais
Bloco B: Experiência escolar	
B1	Descrição do percurso escolar
B2	Sociabilidades e redes
B3	Apoio familiar
Bloco C: Vida adulta	
C1	Nível pessoal
C2	Nível social
C3	Nível profissional

Quadro 1 – Guião das entrevistas

Diferentemente de uma simples reprodução do discurso do entrevistado, o retrato sociológico é uma

reconstrução analítica que combina descrição densa e interpretação sociológica, procurando captar as tensões, continuidades e descontinuidades nas práticas e representações dos sujeitos. Este processo requer uma postura reflexiva do/a investigador/a, consciente do seu papel na mediação dos sentidos atribuídos às experiências vividas. Assim, os retratos funcionam como dispositivos sensíveis e potentes para a análise situada das relações entre biografia e estrutura social.

Os retratos sociológicos promovem a reflexividade dos sujeitos, permitindo compreender como cada indivíduo expressa a sociedade em si e como a sua trajetória é condicionada por uma consciência coletiva (Junqueira, 2019). No estudo realizado, por meio de entrevistas semi-diretivas buscou-se aprofundar a formação das disposições que moldam práticas sociais, captando a pluralidade desses processos (Lopes, 2012).

A análise das entrevistas possibilitou aceder a elementos do passado incorporado e compreender como o passado influenciou o presente e o futuro, revelando regularidades, contradições e exceções nas trajetórias (Carmo *et al.*, 2023; Lahire, 2002). Este dispositivo permitiu identificar os “fios condutores” que conectam os indivíduos aos seus quadros sociais, mostrando como se desdobram em múltiplos papéis e contextos (Lopes, 2012).

O guião das entrevistas foi estruturado para captar as disposições individuais nos diversos “mundos da vida” dos sujeitos, compreendendo a pluralidade das práticas e experiências (Lopes, 2012). Embora não seja possível observar diretamente as ações passadas, o discurso biográfico permitiu aceder às motivações e dimensões económicas, sociais, políticas e emocionais das vivências.

A elaboração dos retratos favoreceu a análise microsociológica da singularidade dos percursos,

oferecendo um distanciamento crítico em relação a abordagens estatísticas e valorizando a individualidade em contextos similares. As entrevistas organizaram a vida dos sujeitos em dimensões específicas (escolar, familiar, profissional), permitindo identificar padrões e construir uma leitura detalhada e holística das trajetórias.

O dispositivo buscou captar disposições inculcadas principalmente na experiência escolar e entender o seu impacto na vida adulta. A entrevista, pela sua natureza intersubjetiva, revelou percepções, valores e atitudes profundas, evidenciando continuidades, condicionamentos e vulnerabilidades. A transcrição integral (ver apêndices 1 e 2) das entrevistas assegurou uma análise rigorosa dos discursos.

### **3. Desenho Metodológico**

#### **3.1. Contexto e amostra**

Partindo do pressuposto já discutido de que os atores sociais resultam de múltiplos processos de socialização (Lahire, 2005), a metodologia adotada – retratos sociológico - procurou captar essa complexidade, privilegiando a recolha de dados densos que permitissem identificar os diferentes espaços de socialização. Entre estes, o contexto escolar assumiu particular relevância, dada a sua influência na formação e cristalização das disposições (Lahire, 2005).

Como base para a construção dos retratos sociológicos, recorreu-se a entrevistas aprofundadas para captar retratos fiéis das experiências e do modo como os sujeitos atribuem sentido às suas vidas e realidade (Bogdan; Biklen, 1994). Os participantes foram selecionados segundo critérios orientadores: origem portuguesa, escolaridade até ao ensino secundário, idade entre 50 e 65

anos e presença de desafios nas sociabilidades, desempenho escolar e/ou apoio familiar ao longo do percurso escolar.

A análise incidiu nas experiências escolares, estabelecendo correlações com comportamentos, percepções e formas de sentir ao longo da vida. Foram evocadas memórias à luz da subjetividade e reflexividade, considerando a relação entre experiências passadas e disposições incorporadas (Lahire, 2001). A interpretação exigiu uma leitura atenta dos comportamentos, dado que muitas disposições não são conscientes, manifestando-se como competências ou recursos (Lopes, *et al.*, 2016).

Superado o desafio interpretativo, foi possível aceder à subjetividade dos sujeitos e à objetividade das suas realidades, permitindo uma leitura sistémica de como o passado influenciou o presente e o futuro (Carmo *et. al.*, 2023). A metodologia permitiu aprofundar as dinâmicas e vulnerabilidades vividas.

Nesta sequência, os retratos sociológicos permitiram descrever, diacronicamente, os percursos de vida, identificando disposições, mecanismos de ativação/inibição e a sua transferência para diferentes contextos. Procurou-se, assim, compreender de que modo estas disposições moldam a ação dos sujeitos e em que medida favoressem os processos de reflexividade.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas a dois participantes – “Manuel” e “Maria” (nomes fictícios)<sup>2</sup> – totalizando seis entrevistas em profundidade, distribuídas ao longo de um mês, com intervalos semanais que favoreceram o acompanhamento da evolução dos discursos e potenciaram a reflexividade dos sujeitos sobre os seus próprios percursos e disposições.

---

<sup>2</sup> Os nomes são fictícios e foram utilizados para garantir o anonimato dos participantes, conforme previsto no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Na segunda entrevista, dedicada à experiência escolar, foram introduzidas técnicas visuais e projetivas, como estratégia para imersão no passado, dada a distância temporal decorrida entre a experiência escolar e o presente. Utilizaram-se fotografias escolhidas pelos entrevistados – retratando infância, adolescência e adultez – e uma ficha de matemática adaptada, desenhada com estética própria para estimular recordações e sentimentos associados à escolaridade.

### 3.2. Estratégia de triangulação

A evocação do passado revelou-se essencial para o estudo desenvolvido. Para tal, foi adotada uma triangulação metodológica, integrando o dispositivo retratos sociológicos, uma técnica visual e uma técnica de base projetiva. Estas ferramentas visavam estimular a memória autobiográfica e aceder às camadas profundas da experiência dos indivíduos. Dada a interiorização das disposições individuais, tornou-se necessário recorrer a metodologias ajustadas e sensíveis ao registo da subjetividade.

Ao recorrer a diferentes ferramentas metodológicas, pretendia-se, de certa forma, testar a coerência narrativa, não por desconfiar dos sujeitos ou rejeitando a sua boa vontade ao partilharem as suas histórias de vida, mas precisamente por reconhecer os limites inerentes da biografia.

Tendo em conta as potencialidades dessas técnicas na evocação do passado e no aprofundamento da subjetividade, a triangulação metodológica foi uma escolha deliberada para reforçar o rigor científico, a fiabilidade e credibilidade dos dados, ao mitigar as limitações de cada técnica.

Mais do que adereços metodológicos, estes instrumentos mostraram-se eficazes tanto na captação de reações emocionais e cognitivas como na interpretação dos “significados das práticas”. Possibilitaram também um maior envolvimento afetivo por parte dos entrevistados e uma escuta ativa por parte do entrevistador, permitindo uma aproximação densa à experiência dos participantes. A triangulação serviu, assim, à interpretação dos significados atribuídos pelos sujeitos às experiências.

Importa sublinhar que os instrumentos desenvolvidos não foram decorativos nem meramente ilustrativos; pelo contrário, foram concebidos para aprofundar a investigação e aceder à complexidade da experiência vivida. Neste sentido, cada sujeito relaciona-se com o "significado das práticas", construindo sentidos individuais e sociais sobre a realidade, o que evidencia a diversidade de perspectivas sobre um mesmo fenómeno ou objeto (Flick, 2005). Captar esses significados constitui, assim, um objetivo metodológico essencial para compreender o social a partir do individual.

Além disso, traduzir a subjetividade numa narrativa com consistência analítica constitui um dos desafios centrais desta abordagem. Como referem Berger e Luckmann (1985), apesar de os indivíduos interiorizarem acontecimentos objetivos, “nenhum indivíduo interioriza a totalidade daquilo que é objetivado como realidade em sua sociedade [...]” (p. 180), apenas aquilo a que atribui sentido.

A intenção inicial era conduzir os entrevistados a revisitarem as suas experiências de infância e adolescência, promovendo uma lógica de regressão simbólica. Havia, portanto, a necessidade de transportar os indivíduos até àqueles acontecimentos e, simultaneamente, elucidar e situar o investigador perante as suas realidades. As

ferramentas metodológicas mobilizadas visaram, assim, dois objetivos fundamentais: facilitar a evocação do passado e apoiar o investigador na construção de uma escuta sensível e situada.

Dada a complexidade de aceder à subjetividade dos sujeitos e de captar os sentidos, a triangulação metodológica revelou-se particularmente desafiante e potenciadora de uma compreensão mais densa, multifacetada e contextualizada dos percursos e das disposições individuais. Um exemplo ilustrativo deste processo surgiu no retrato de “Manuel”. Inicialmente, o seu relato apresentava um percurso aparentemente sereno, marcado por otimismo e uma tendência para relativizar adversidades. Contudo, à medida que se aprofundaram as descrições e se aplicaram as outras técnicas, foi possível perceber que várias situações potencialmente difíceis foram atenuadas pelo seu otimismo. Tal constatação evidencia a tensão entre a realidade objetiva e a subjetiva, bem como os mecanismos de construção social da realidade – um dos grandes desafios enfrentados na pesquisa.

Perante a complexidade inerente à recolha de dados, torna-se imperativo recorrer a técnicas metodológicas sejam simultaneamente adequadas, eficientes e eticamente comprometidas. Neste contexto, a triangulação metodológica contribuiu para a fiabilidade das histórias de vida e permitiu afastar-se de uma conceção redutora da biografia como uma apresentação oficial ou superficial dos sujeitos, tal como criticado por Bourdieu na sua reflexão *Ilusão biográfica* (1986), onde questiona as narrativas biográficas que ignoram a dimensão relacional e processual da construção dos percursos de vida.

Mais do que um conjunto de técnicas justapostas, trata-se aqui de uma interdependência metodológica articulada. Como referem Denzin (1978) e Carr e Kemmis

(1983), citados por Martins (2018), “a triangulação consiste, então, na comparação e contraste desses dados [...], por meio de procedimentos de controle cruzado” (p. 172).

### 3.3. Técnica visual (fotografia)

Na segunda entrevista foi introduzida a técnica visual, recorrendo à análise de fotografias pessoais solicitadas previamente aos entrevistados. Pedia-se que escolhessem fotografias que ilustrassem momentos e experiências da infância, adolescência e da sua experiência escolar. De forma generosa, os entrevistados facultaram várias fotografias que revelavam não apenas memórias íntimas, mas também elementos das suas condições materiais, sociais e económicas.

A primeira parte dessa entrevista foi dedicada à visualização e discussão dessas imagens. As fotografias retratavam familiares; momentos de convívio; estilos de roupa, objetos e elementos culturais próprios da época, finais dos anos 60 e início dos anos 70; e momentos na escola, etc. Tratavam-se de fotografias preservadas nos seus arquivos pessoais, que se revelaram fundamentais para a evocação do passado e aprofundamento das suas realidades, cumprindo plenamente o objetivo da técnica visual no estudo.

Embora se reconheça que a escolha das fotografias pelos próprios entrevistados possa ser influenciada por intenções ou enviesamentos – por exemplo, selecionar imagens que melhor representam certas memórias ou realidades desejadas – a experiência deste estudo indicou o contrário. Os entrevistados expressaram, de forma honesta, a escassez de fotografias disponíveis, e pareceram partilhar

genuinamente aquilo que tinham, revelando compromisso com o processo investigativo.

A literatura reconhece o potencial da fotografia como instrumento metodológico na pesquisa qualitativa. Segundo Silva (2016), ela auxilia no “[...] exercício do olhar analítico do pesquisador diante do contexto e análise dos dados.” (p. 75). A adoção da fotografia em investigação não é recente; desenvolveu-se ao longo do tempo uma sociologia visual centrada no uso da imagem, especialmente fotografia e filme – como meio de captar e interpretar o mundo social (Rios; Costa; Mendes, 2016). Para Flick (2005), a fotografia, permite a “[...] transposição dos limites do tempo e do espaço” (p. 152), funcionando como ativador de memórias, catalisador de sentidos e ponte entre o passado e o presente. O autor refere também os vários usos possíveis da fotografia no trabalho qualitativo:

o investigador pode mostrar fotografias [...] às pessoas estudadas [...] e interrogá-las sobre o material. [...] pode usar o entrevistado como modelo. O entrevistador pode pedir ao sujeito que lhe mostre [...]. Finalmente o investigador [...] pode observar o sujeito [...] a tirar uma fotografia [...] (Flick, 2005, p. 152).

No caso do estudo desenvolvido optou-se por trabalhar com fotografias já existentes, o que evitou a encenação de imagens e os riscos de artificialidade ou perda de expressividade.

Contudo, Flick (2005) adverte que, se por um lado, a câmara é incorruptível na sua perceção e registo da realidade: “não se esquece, não se cansa e não se engana [...]”. As fotografias dizem a verdade [...], por outro lado, questiona:

[...] em que medida as fotografias são igualmente influenciadas pelas interpretações e as normas daqueles que as tiram e dos que as contemplam? As fotografias [...] revelam uma abordagem do mundo simbólico do sujeito e dos seus pontos de vista. (p. 152).

As imagens ajudaram a materializar as memórias, tornando-se numa ferramenta essencial para o processo reflexivo e analítico. Dessa forma, o investigador pôde aceder a dimensões mais íntimas das experiências dos entrevistados assim como observar reações emocionais e posturais que enriqueceram a compreensão do vivido.

As fotografias, enquanto fonte documental e visual, fomentam a reflexão, ativam a memória e permitem o acesso a dimensões emocionais e simbólicas da vida social. Elas contribuem para a análise das identidades, da cultura, dos afetos e das atitudes dos sujeitos em relação ao seu passado. Como defende Martins (2018), a “imagem fotográfica “[...] é um disparador de memórias, de construção de relatos históricos, vindo do passado ao presente.”, testemunhando um tempo e um lugar ([s.p.]).

Segundo o mesmo autor, a fotografia possui uma dupla função: evocativa – ao trazer à tona o passado –, e preservadora – ao conservar a memória e as identidades (Martins, 2018). Acrescenta ainda que possui características múltiplas: descritiva; explicativa; analítica; tradutora; social; informativa; recreativa; estética e catalisadora (Martins, 2018). Observar fotografias implica, portanto, uma leitura sensível e interpretativa por parte do investigador.

Neste estudo, a fotografia permitiu aprofundar realidades e experiências de vida que, de outra forma,

poderiam não ter emergido ao longo da entrevista, por esquecimento ou dificuldade de verbalização, configurando, assim, uma ferramenta fundamental para o processo reflexivo e analítico do investigador.

#### 3.4. Técnica projetiva (ficha de matemática)

As técnicas projetivas têm origem na psicologia, mais precisamente na psicanálise e na antropologia cultural (Antunes *et al.*, 2024). Apesar de ainda não serem consensuais na investigação científica – especialmente no que diz respeito à validade e confiabilidade – têm demonstrado utilidade crescente em áreas como o marketing, justamente por permitirem o acesso a dimensões subjetivas difíceis de captar por questionamento direto, segundo Steinman (2009) “[...] has been used to help uncover consumer attitudes, thoughts, and feelings that would not be necessarily detected by more straightforward questioning.” (p. 37).

Tendo isso em consideração, ainda na segunda entrevista, após a atenta observação das fotografias, implementou-se um novo instrumento metodológico de base projetiva: resolução de uma ficha de exercícios matemáticos. O objetivo desta ficha era estimular memórias e reações emocionais associadas à experiência escolar na infância, abrindo espaço para uma análise qualitativa e reflexiva dos impactos dessa experiência na vida adulta. A ficha de exercícios incluía problemas de matemática correspondentes ao 3º e 4º ano do 1º ciclo, precisamente a disciplina que os entrevistados indicaram como a de maior dificuldade na época da escolar. No entanto, o interesse analítico não residia nas respostas matemáticas em si – estas não foram corrigidas – mas sim nas atitudes, emoções e reações despertadas pela realização da tarefa.

Inspirada nas técnicas projetivas, esta abordagem procurou evocar memórias e afetos que poderiam permanecer inacessíveis por meios mais diretos. A ficha, portanto, funcionou como um disparador simbólico, um catalisador da memória, articulado a partir de conteúdos escolares comuns à infância, permitindo o aprofundamento das vivências subjetivas.

Esta técnica envolveu, ainda, método reflexivo pois exigia para além da aplicação da ficha, a observação e análise da relação dos sujeitos com o respectivo instrumento.

A ficha revelou-se um instrumento eficaz, capaz de confirmar ou contrastar dados recolhidos. Buscava-se uma técnica que possibilitasse um maior aprofundamento na subjetividade dos sujeitos entrevistados, revelando-se no primeiro impacto – reações – que pudessem confirmar ou contrariar os dados recolhidos. Essa técnica pretendia ser um instrumento evocador de memórias objetivas de infância e da época escolar.

Foi, portanto, necessário criar um instrumento que, além de cumprir os objetivos delineados, não fosse invasivo e revelasse subjetividades. Esta técnica permitiu, por via da observação direta, aceder a dimensões como emoções, motivações, desejos e pensamentos – aspetos que dificilmente seriam captados por outros métodos.

Para uma análise mais rigorosa dos discursos, foram cuidadosamente observadas as posturas corporais e as reações emocionais dos entrevistados, especialmente durante a resolução da ficha de exercícios, o que acrescentou camadas interpretativas ao entendimento das vivências escolares.

A atividade teve uma duração média de cerca de 10 minutos, incluindo explicações iniciais, realização da ficha e esclarecimento de dúvidas. Durante a realização do exercício, o entrevistador permaneceu em silêncio,

intervindo apenas quando solicitado. Apesar das diferenças ambientais – um espaço mais ruidoso (restaurante) e outro mais silencioso –, não se observou qualquer impacto relevante nas respostas físicas ou emocionais dos entrevistados.

Os exercícios matemáticos propostos funcionaram como gatilhos de memória, operando como um instrumento evocativo eficaz para o acesso a experiências subjetivas. Os sujeitos estavam concentrados nos exercícios e não tinham consciência do verdadeiro propósito da atividade, o que impediu a ocorrência de performance consciente, configurando assim uma das vantagens desta técnica.

Esta técnica demonstrou-se particularmente completa: para além de captar estímulos verbais e visuais, incentivou os entrevistados “[...] a revelar inconscientemente seus conflitos internos, ansiedades, crenças, valores, motivações, atitudes e demandas, sem terem consciência de que o estavam a fazer” (Antunes, *et al.*, 2018, p. 1299). Esta técnica apresenta-se como uma alternativa às técnicas tradicionais que privilegiam o discurso dos sujeitos (Antunes, *et al.*, 2018, p. 1299).

A ficha, aplicada logo após a discussão das fotografias, proporcionou um espaço complementar de expressão subjetiva e serviu como estratégia de triangulação, confirmando e enriquecendo interpretações anteriores. A natureza complementar desta técnica revelou-se fundamental, considerando que nas entrevistas os sujeitos tendem a proteger-se, moderando os seus discursos com base em padrões de respostas esperados e socialmente aceitáveis (Antunes *et al.*, 2018).

#### **4. Proposta de Nova Técnica Projetiva**

Segundo Antunes *et al.* (2024), as técnicas projetivas apresentam várias vantagens, como:

- (a) riqueza, quantidade e precisão das informações coletadas pelo método; (b) capacidade do pesquisador de acessar conteúdos inacessíveis, como crenças e motivações; (c) natureza disfarçada; (d) a possibilidade de complementar e testar hipóteses; (e) menor demanda cognitiva dos respondentes, pois não requer muita leitura ou escrita; (f) uso da técnica em conjunto com outras técnicas qualitativas, especialmente para ‘quebrar o gelo’ e proporcionar um melhor clima para a coleta de dados; e (g) ausência de uma resposta certa ou errada, incentivando assim uma ampla gama de ideias e respostas.

Além disso possibilita a triangulação de dados, aumentando a confiabilidade interpretativa (Antunes *et al.*, 2024). Por outro lado, requer elevada competência interpretativa por parte do investigador, por apresentar riscos de excesso de subjetividade, exigindo prudência analítica (Antunes *et al.*, 2024, p. 1301–1304). O papel do investigador, neste contexto, exige sensibilidade e escuta refinada, assumindo a tarefa de “[...] utilizar a sua intuição para questionar resultados obtidos até então” (Antunes *et al.*, 2024, p. 1307).

A confiabilidade da técnica pode ser questionada por apresentar um “alto nível de subjetividade”, conduzindo a múltiplas leituras, o que conduz, muitas vezes, à diversidade de resultados (Antunes *et al.*, 2024). No entanto, a sua credibilidade e rigor aumentam significativamente quando combinada com outras técnicas

qualitativas estratégicas, como a entrevista ou a observação, sendo que, de forma isolada, ainda não alcança plena validação científica. Uma vez mais a triangulação metodológica surge como estratégia validadora (Antunes *et al.*, 2024).

Além da complementaridade, essa técnica possui potencial exploratório e permitiu confirmar e contrastar interpretações anteriormente levantadas pelo investigador, e ainda acrescentar novos dados que enriqueceram a análise final (Antunes *et al.*, 2024).

É importante, no entanto, reconhecer as limitações inerentes a estas técnicas. Segundo Antunes *et al.* (2024) elas:

- a) “[...] envolvem dados complexos e exigem um conjunto de habilidades necessárias do pesquisador;
- (b) em aplicações em larga escala, pode haver custos consideráveis à medida que seja necessário o treinamento da equipe (habilidades) para processamento, análise e interpretação dos dados;
- (c) alguns participantes podem ter problemas para realizar os exercícios mais dinâmicos (por exemplo, a técnica expressiva); e
- (d) a confiabilidade dos dados pode ser questionável [...] (p. 1301 – 1304).

Além disso, não permite generalizações, uma vez que depende de amostras pequenas (Antunes *et al.*, 2024).

Apesar desses limites, o exercício proposto obteve o que pretendia: reações físicas e emocionais por parte dos entrevistados, despertando memórias relevantes. Ambos os sujeitos afirmaram recordar experiências escolares. Para “Manuel”, a ficha funcionou como um gatilho direto para reviver a tensão dos exames – o dilema entre o erro e o acerto, o nervosismo e o receio. A sua postura corporal

durante a tarefa expressava inquietação e dúvidas, e a constante busca por validação do entrevistador evidenciava insegurança. Esse comportamento foi particularmente revelador, uma vez que tendia a relativizar episódios difíceis da sua trajetória, o que geralmente dificulta o acesso direto a essas experiências via entrevista. Neste sentido, a ficha não só lhe serviu como gatilho de lembrança, mas também funcionou como ponte para um envolvimento emocional mais intenso ao longo do processo de entrevista.

Em contraste, “Maria”, realizou os exercícios com concentração e sem grande ansiedade, o que pode ser explicado pela sua familiaridade prévia com atividades do tipo. No entanto, nas entrevistas emocionou-se com frequência, revelando memórias dolorosas que preferia não reviver. Mesmo assim, demonstrou esforço e disponibilidade, e o processo permitiu acesso a camadas emocionais relevantes, dificilmente acessíveis apenas pela conversa espontânea.

As técnicas projetivas têm sido amplamente classificadas em quatro categorias clássicas: (1) tarefas de associação; (2) tarefas de conclusão; (3) tarefas de construção e (4) tarefas expressivas (Steinman, 2009).

A ficha de exercícios desenvolvida na pesquisa não se encaixa integralmente nessas categorias tradicionais. O objetivo da tarefa não era associar conceitos, completar frases ou criar histórias, mas sim evocar reações emocionais e físicas a partir de uma tarefa aparentemente cognitiva e aceder a conteúdos subjetivos ligados ao passado escolar dos sujeitos, envolvendo diretamente os sentidos e a memória afetiva.

Neste contexto, propõe-se a criação de uma nova categoria metodológica dentro das técnicas projetivas: técnica de evocação sensorial integrada. Essa nova categoria busca aceder a dimensões emocionais, corporais

e sensoriais do sujeito a partir de uma tarefa aparentemente cognitiva. Esta diferencia-se: por convocar memórias autobiográficas associadas a experiências marcantes do passado, especialmente ligadas à infância e escolarização; por considerar qualquer tipo de exercício ou tarefa cognitiva capaz de captar reações físicas e emocionais espontâneas; por evitar que o sujeito compreenda o verdadeiro objetivo da tarefa – o que reduz resistências e defesas; por exigir sensibilidade e preparação do investigador para captar detalhes não-verbais, como gestos, hesitações, posturas ou expressões faciais e ter um potencial ético delicado, exigindo consentimento claro e sensibilidade para desconfortos emocionais provocados.

Esta proposta amplia as técnicas tradicionais: integra sentidos e cognição, une estímulos externos sensoriais com tarefas cognitivas simples; evoca emoções através de pistas físicas (sudorese, hesitação, riso nervoso, silêncio prolongado); aposta num ambiente imersivo, recriando um contexto simbólico que reduz a distância temporal entre o presente e a memória vivida, intensificando a ligação afetiva com o passado e permite um envolvimento corporal, no qual o corpo pode reagir de forma mais espontânea do que na narrativa verbal, trazendo à tona disposições, tensões e defesas internalizadas.

Esta técnica possibilita, assim, um acesso aprofundado à subjetividade, ao permitir a ativação de memórias e emoções recalçadas e a redução de resistências conscientes. O foco na tarefa e nos estímulos visuais desvia a atenção do participante da intenção explícita da investigação, favorecendo a expressão emocional autêntica. Para além disso, trata-se de uma abordagem versátil, aplicável em diferentes contextos — não se limitando ao meio escolar — e junto de diversos públicos, incluindo

aqueles com dificuldades de expressão oral, uma vez que não depende exclusivamente do discurso verbal.

Para além das suas potencialidades, esta técnica apresenta limitações que devem ser cuidadosamente consideradas. A sua aplicação requer um ambiente controlado e pode suscitar desconforto emocional, conduzindo a reações inesperadas. Nesse sentido, é fundamental que o entrevistador esteja devidamente preparado e que existam protocolos éticos claros para garantir a segurança dos participantes. Acresce, ainda, a elevada carga subjetiva associada à interpretação dos dados, bem como a impossibilidade de padronização, o que pode dificultar a comparabilidade entre casos.

Para aplicação futura o investigador deve apostar numa preparação emocional, sensibilidade e rigor na aplicação da técnica. Será, ainda, interessante explorar diferentes experiências escolares, desde imigrantes, ex-reclusos, homens e mulheres, apostar na comparação intergeracional, para o apuramento de relações entre as experiências escolares e as várias dimensões de vida. Pode ser, ainda, aplicada como uma estratégia na formação de professores, através da qual se incita à empatia no decorrer dos processos de ensino-aprendizagem.

No caso do estudo, a triangulação, articulada com o uso criativo e eticamente consciente de técnicas projetivas, possibilitou um acesso mais profundo e sensível à experiência escolar dos sujeitos, revelando como as suas trajetórias se entrelaçam com sentimentos, memórias e esquemas de ação muitas vezes inconscientes.

Esta técnica propõe uma análise ampla da subjetividade, integrando o corpo, os sentidos e a memória numa experiência metodológica imersiva. Embora ainda careça de sistematização ampla e validação empírica extensiva, representa um caminho inovador e promissor

para ampliar o repertório das técnicas projetivas na investigação qualitativa, sobretudo quando o objetivo é aceder às camadas profundas e afetivas da experiência vivida.

## **5. Discussão metodológica**

### **5.1. Potencialidades da triangulação metodológica**

A triangulação revelou-se uma estratégia fundamental para conferir rigor, confiabilidade e densidade interpretativa ao estudo.

Através da triangulação foi possível contornar limitações à captação da subjetividade, ao mesmo tempo que ampliou a compreensão sobre os esquemas de ação desenvolvidos pelos sujeitos em contextos escolares e o seu impacto na vida adulta.

Segundo González (2020), a triangulação permite uma visão ampla do objeto de estudo, evitar vieses gerados pela aplicação isolada de uma única técnica e promove uma “junção de análises que se fortalecem mutuamente” (González, 2020).

Através da triangulação metodológica foi possível: perceber a consistência entre os dados recolhidos por diferentes vias; detetar continuidades e descontinuidades; evocar memórias sob múltiplas formas (visuais, verbais, emocionais e corporais); estimular reações espontâneas e provocar reflexões nos entrevistados; observar a relação entre discurso e emoção; visualizar o impacto do passado no presente – um dos objetivos centrais do estudo; multiplicar os pontos de vista interpretativos; coletar dados em momentos distintos (González, 2020).

A triangulação promoveu uma leitura multisensorial e multidimensional da experiência social: a entrevista recolheu dados verbais e narrativos; a técnica

visual trouxe dados visuais e simbólicos; a ficha de exercícios permitiu observar reações emocionais e corporais – geralmente ocultas no discurso direto. Essa combinação configurou o complemento ideal entre técnicas que aumentaram a validade do estudo, forneceram dados mais ricos e interligados, e possibilitaram acessos indiretos à subjetividade dos sujeitos.

Além disso, a triangulação mostrou-se útil para captar a subjetividade dos sujeitos de uma forma espontânea e indireta, convidando os sujeitos a uma postura menos defensiva, beneficiando de uma das vantagens desta triangulação, na qual os sujeitos não percebem as verdadeiras motivações do entrevistador, favorecendo expressões autênticas e enriquecedoras para o entrevistador.

## 5.2. Limitações da triangulação

Apesar das suas vantagens, a triangulação metodológica apresenta limitações importantes, sobretudo ao nível da revelação do social incorporado, “sobretudo quando se pretende compreender sociologicamente aquilo que se passa à escala individual” (Carmo *et al.*, 2023, p. 22). A aplicação da triangulação evidenciou algumas fragilidades que devem ser consideradas em estudos posteriores. Destaca-se, desde logo, a necessidade de uma grande precisão na formulação das perguntas, tanto nas entrevistas como nos momentos de aplicação das técnicas: questões vagas ou ambíguas podem comprometer a profundidade e a relevância das respostas obtidas. Acresce a exigência de uma improvisação controlada por parte do investigador, que deve ser capaz de captar nuances no discurso e adaptar a interação em tempo real, aprofundando os relatos sem desviar o foco da investigação. Por fim,

importa reconhecer o risco de subjetivismo interpretativo excessivo, sobretudo na utilização de instrumentos projetivos, o que exige do investigador um elevado grau de sensibilidade, experiência e reflexividade ao longo de todo o processo.

Por exemplo, a narrativa de “Manuel” foi marcada por um otimismo constante e certa tendência a relativizar adversidades passadas, criando a ilusão de uma trajetória linear e pouco desafiante. Somente a combinação entre observação, entrevista e ficha permitiu contrastar o discurso com os sinais mais implícitos, revelando camadas mais complexas da sua experiência.

Exemplos de aplicação futura desta abordagem incluem: utilização de objetos escolares antigos ou de infância; tarefas escritas, de cálculo ou desenho em contextos específicos; apresentação de sons, imagens ou rotinas escolares para ativação de memória emocional.

## **6. Considerações finais**

Este artigo refletiu criticamente sobre a metodologia aplicada num estudo qualitativo que investigou o impacto das experiências escolares na vida adulta de indivíduos oriundos dos meios populares, com foco na triangulação metodológica e numa nova técnica projetiva com potencial inovador no campo da investigação qualitativa.

A triangulação combinou três abordagens complementares: (1) retratos sociológicos via entrevistas em profundidade; (2) técnica visual com fotografias para captar aspetos simbólicos e materiais; e (3) uma técnica projetiva baseada numa ficha de matemática, desenvolvida para evocar reações emocionais e corporais. Esta

combinação revelou-se particularmente rica para aceder à subjetividade e às marcas deixadas pela experiência escolar.

Entre os ganhos metodológicos, destacam-se o aumento da validade interpretativa, a importância da escuta sensível e a postura reflexiva do investigador e a captação de dados implícitos e afetivos. Identificaram-se limitações como a subjetividade interpretativa, a exigência ética e técnica do pesquisador e a dificuldade de padronização dos dados.

A técnica de evocação sensorial integrada constituiu a contribuição central do artigo. Trata-se de uma técnica híbrida, que mobiliza tarefas cognitivas simples para aceder a conteúdos emocionais e sensoriais, com potencial para ampliar o repertório metodológico nas ciências sociais e da educação. A sua aplicação futura poderá beneficiar investigações que visam explorar memórias autobiográficas, experiências escolares ou processos formativos, inclusive junto de públicos com expressão verbal reduzida ou em contextos de formação docente.

Em suma, o artigo reforça a triangulação como estratégia robusta na pesquisa qualitativa e propõe o uso ético e criativo de técnicas projetivas — que, quando integradas em dispositivos metodológicos coerentes, podem constituir ferramentas potentes de análise da experiência vivida.

O papel do investigador foi decisivo para garantir reflexão crítica contínua e confiabilidade nos resultados. Embora se trate de um estudo com alto grau de subjetividade, este estudo demonstrou que o uso da triangulação metodológica lhe confere confiabilidade. Evidenciou, ainda, que técnicas projetivas isoladas carecem de credibilidade científica, mas integradas na triangulação, aumentam a validade do estudo.

Por fim, a proposta metodológica busca ampliar o uso das técnicas projetivas, especialmente na área das ciências da educação. Com a nova categoria propõe-se novos usos e potencialidades que podem aumentar a sua credibilidade e reconhecimento.

Notas:

3 Este artigo contou com apoio pontual da ferramenta ChatGPT (OpenAI) para revisão linguística e sugestões de redação, sem interferência no conteúdo analítico e interpretativo.

4 O autor declara não haver conflitos de interesse relacionados à pesquisa e à publicação deste artigo.

Contribuição de autoria:

Bruna Duarte Silva:

Conceptualization, Methodology, Investigation, Writing  
Original draft.

Leonor Lima Torres:

Supervision, Writing – Review & Editing.

Ambas as autoras revisaram e aprovaram a versão final do  
manuscrito para submissão.

Esta pesquisa utilizou dados provenientes da dissertação de mestrado da autora principal, previamente desenvolvida e aprovada no âmbito institucional. Por se tratar de análise de dados secundários, sem nova coleta de informações junto aos participantes, e considerando que todos os procedimentos foram realizados conforme os princípios éticos vigentes, não foi necessária uma submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa.

Todos os cuidados com privacidade, anonimato e consentimento foram observados, em conformidade com a Resolução CNS nº 510/2016.

## 7. Referências

ABRANTES, Pedro. **Os sentidos da escola: identidades juvenis e dinâmicas de escolaridade**. Oeiras: Celta Editora, 2003.

ABRANTES, Pedro. Para uma teoria da socialização. **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Porto, v. 21, p. 121 – 139, 2011.

ANTUNES, Luiz Guilherme Rodrigues, *et al.* Validade e confiabilidade em pesquisas qualitativas: uma discussão sobre critérios de rigor em técnicas projetivas. In: **Encontro de ensino e pesquisa em administração e contabilidade – enepq**, 6., 2018, Porto Alegre. Anais [...]. Porto Alegre: ANPAD, 2018. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/325722561\\_Validade\\_e\\_Confiabilidade\\_em\\_Pesquisas\\_Qualitativas\\_Uma\\_Discussao\\_Sobre\\_Criterios\\_de\\_Rigor\\_em\\_Tecnicas\\_Projetivas](https://www.researchgate.net/publication/325722561_Validade_e_Confiabilidade_em_Pesquisas_Qualitativas_Uma_Discussao_Sobre_Criterios_de_Rigor_em_Tecnicas_Projetivas). Acesso em: 15 jun. 2025.

ANTUNES, Luiz Guilherme Rodrigues, *et al.* Técnicas projetivas: em busca de uma alternativa para validade e confiabilidade. **Remark - Revista Brasileira de Marketing**, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 1296 – 1314, jul. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/remark.v23i3.25536>. Acesso em: 1 jul. 2025.

AUTOR, 2024.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1985.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**. Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. 1986. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5644125/mod\\_resource/content/1/BOURDIEU%2C%20Pierre.%20A%20ilusa%CC%83o%20biogra%CC%81fica.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5644125/mod_resource/content/1/BOURDIEU%2C%20Pierre.%20A%20ilusa%CC%83o%20biogra%CC%81fica.pdf). Acesso em 15 jun. 2025

CARMO, Renato, *et al.* **O mundo do trabalho a partir de baixo**: retratos e percursos. Lisboa: Mundos Sociais, 2023.

CASSAB, Latif, Antonia. Subjetividade & pesquisa: expressão de uma identidade. **KATÁLYSIS**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 181 – 191, jan. 2004. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/view/6844>. Acesso em 10 jun. 2025.

DUBET, François. **Sociologia da experiência**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

DUBET, François.; MARTUCCELLI, Danilo. **À l'école. Sociologie de l'expérience scolaire**. Paris: Éditions du Seuil, 1996.

FLICK, Uwe. **Métodos qualitativos na investigação científica**. 1. ed. Lisboa: MAP, 2005.

GONZÁLEZ, Fredy Enrique. Reflexões sobre alguns conceitos da pesquisa qualitativa. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 8, n. 17, p. 155 – 183, ago. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2020.v.8.n.17.322>

JUNQUEIRA, Lília. Abordagens biográficas de pesquisa e disposicionalismo sociológico. **Política & Trabalho Revista de Ciências Sociais**, n. 50, p. 29 – 42, jan. – jun. 2019. Disponível em:

[https://www.academia.edu/48671741/Abordagens\\_Biograficas\\_De\\_Pesquisa\\_e\\_Disposicionalismo\\_Sociologico](https://www.academia.edu/48671741/Abordagens_Biograficas_De_Pesquisa_e_Disposicionalismo_Sociologico). Acesso em: 5 jun. 2025.

LAHIRE, B. **O homem plural: as molas da acção**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

LAHIRE, B. Reprodução ou prolongamentos críticos. **Educação & Sociedade**, n. 78, p. 37 – 55, abr. 2002.

LAHIRE, B. **Retratos sociológicos: disposições e variações individuais**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LAHIRE, B. Patrimónios individuais de disposições: para uma sociologia à escala individual. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Lisboa, n. 49, p. 11 – 42, 2005.

LOPES, J. T. Subjetividade plural no mundo contemporâneo. **Cronos**, Rio Grande do Norte, v. 13, n. 1, p. 81 – 88, jan. – jun. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/5624>. Acesso em: 20 jun. 2025.

LOPES, J. T. *et al.* A decisão de emigrar: um estudo a partir da perspectiva da pluralidade disposicional. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n. 81, p. 37 – 56. 2016.

MARTINS, E. C. A fotografia como memória e instrumento de investigação histórico-educativa nas ‘Outras Infâncias’ (Primeira metade do Século XX). Comunicação apresentada no congresso [**Os Desafios da Investigação: questões de método, dilemas éticos e problemas políticos**], Lisboa, Portugal, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.11/6264>. Acesso em 20 jun. 2025

RIOS, S. O.; COSTA, J. M. A.; MENDES, V. L. P. S. A fotografia como técnica e objeto de estudo na pesquisa

qualitativa. **Discursos fotográficos**, v. 12, n. 20, p. 98 – 120. DOI:[10.5433/1984-7939.2016v12n20p98](https://doi.org/10.5433/1984-7939.2016v12n20p98).

ROLDÃO, Cristina. **Fatores e perfis de sucesso escolar “inesperado”**: trajetos de contratendência de jovens das classes populares e de origem africana. 2015. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2015.

SILVA, Paula Marques. 2016. O uso da fotografia como estratégia metodológica em pesquisas com crianças: uma revisão de literatura. **Informática na educação: teoria e prática**, v. 6, n. 3, p. 70 – 80, set. – dez. 2016.

STEINMAN, R. Projective techniques in consumer research. **International Bulletin of Business Administration**, n. 1, p. 37 – 45, 2009.

WACQUANT, L. J. D. (Ed.). Pierre Bourdieu. In: Stones, R. (Ed.). **Key Sociological Thinkers**. [s.l.]: Aardvark Editorial, 1998. p. 215 – 229.

## Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.